

A LIBERTAÇÃO DO MAR

Daniel Medina

Universidade de Cabo Verde - Uni-CV

Praça António Lerenó - Praia, Santiago - Cabo Verde CP 379C

(238) 3340200 | reitoria@adm.unicv.edu.cv

Resumo: O mar sempre andou nos nossos encaixos. Encontrou-nos na senda das descobertas, carregou-nos a ambos no fardo contrastante do choque das civilizações. Todos fomos empurrados para essa espécie de epopeia poética.

Sina (crioula) ou fado (português)?

Palavras – chave: Mar, Cultura, Cabo Verde.

Abstract: The sea has always gone in our Thralls. He found us on the path of discovery, carried us both in contrasting the burden shock of civilizations. All we shoved into this kind of poetic epic. Sina (Creole) or fado (Portuguese)?

Key - words: Seaside Culture, Cape Verde.

O mar sempre andou nos nossos encaços. Encontrou-nos na senda das descobertas, carregou-nos a ambos no fardo contrastante do choque das civilizações. Todos fomos empurrados para essa espécie de epopeia poética. Sina (crioula) ou fado (português)?

Por entre formas de medo e de libertação fomos galgando espaços na dimensão natural da vida evolutiva, aprendendo com as estrelas a navegar na luta dos encontros e disparidades com que a bússola do tempo nos traçou nos espaços dos fôlegos, com novas viagens e descobertas de nós mesmos e dos outros. Aqui os espaços europeus e africanos se cruzam e se mesclam.

Com o tempo transformamos este espaço líquido. O mar ficou insuflado de encantos místicos. Na sua ondulação ou nos seus espasmos, logra seduzir, acalmar, amedrontar, confrontar, alimentar sonhos e corpos, poemisar. E o escritor (poeta), pela linha e mão expressiva condizente com a recriação, utiliza-se de sugestões de imagens ou sobreposições passíveis de permitir ao leitor participar desse processo criativo, com as suas leituras e releituras que ressignificam ou “ressuscitam” os textos que versificam o mar, através do diálogo das imagens.

O fazer da literatura e, em particular, da poesia, um escol interpretativo não visa, no entanto, qualquer forma de imitação ou de substituição da vida, mas a sua recriação, baseada na intuição peculiar, na maneira, talvez única e diferenciada de perceberá-la e senti-la, mormente quando se se trata desse mar que tem ao longo dos séculos navegado em nós. Daí, por vezes, um propósito ou intenção de transformação, de metamorfose da realidade, a passagem para recriações fora dela (a literatura), aproximando-a de alguns estados oníricos. Neste caso, colocar a realidade em relação com a fantasia e o sonho, jogá-la noutros tempos e espaços não-convencionais, pode ser um dos pontos-chave para a criação literária.

É consenso geral que a nação portuguesa e todo o seu grande império se deu através do mar e das grandes descobertas marítimas. O mar será, então, na tradição cultural portuguesa, o sentido da glória e das grandes descobertas, e a sua imagem se tornará, para alguns autores, uma matéria vivificante e germinadora do fazer poético.

Quase todos os grandes poetas portugueses cantaram o mar. De Camões aos poetas contemporâneos, iremos encontrar na literatura portuguesa uma constante e recorrente construção poética marcada por referências à imagem do “mar português”.

No domínio africano – descoberto ou colonizado – há uma similitude. Há essa referência constante ao mar, não obstante em muitas circunstâncias as percepções poderem ser divergentes por questões de ordem social, económica, política, cultural e de experiência de vida em determinados momentos. No entanto, no âmbito linguístico-comunicativo-poético é sintomático igualmente alguma simbiose que se justifica através dos contactos culturais, das chegadas, partidas e tipos de relações estabelecidos, com dores e alegrias de permeio. Assim se mesclaram línguas, sabores, histórias e sonhos de indelével o espírito das gerações.

O mar tornou-se um espelho de nós. Ou seremos nós o reflexo dos seus almejos? A sensação é de que existe uma ponte invisível que nos liga. Ancestralisa-se. Tornou-se indivisível com o tempo. No entanto, a tematização da ilha, que nas leituras simbólicas surge como um centro espiritual primordial, um outro mundo ou como refúgio, assume aqui todos esses significados, pois “é o refúgio onde a consciência e a vontade se unem para fugirem aos assaltos do inconsciente: contra as vagas do oceano, procura-se o socorro da rocha” (Chevalier e Gheerbrant, 1994:374).

Se nos permitirmos a um jogo de contrastes de vida e morte, alimento e túmulo, o mar nunca se apresenta com uma imagem única. Pelo contrário, a partir de um discurso opaco, constroem-se perspectivas múltiplas, que se sucedem, deixando numerosas pistas de interpretação: os elementos da natureza são benéficos e inimigos.

Cabo Verde e o Mar

A água, seja qual for a sua tipologia, é fonte de vida, meio de purificação, centro de regeneração. Tendo um clima seco e com uma pluviosidade exígua, a água exerce um fascínio sobre os cabo-verdianos em particular. Das ribeiras ao mar, cruza-se um leque, ora contrastante, ora complementar de sensações de vida,

aventura, evasão, fuga, sobrevivência, morte, encontros, saudades, partidas e chegadas, de entre outros.

O mar configura-se, em alguns poemas, composições musicais e formas de arte cabo-verdiana e de outros países de expressão oficial portuguesa, como uma imagem muito recorrente, que representa um significativo papel na construção de todo um imaginário identitário e literário. Senão, vejamos:

«O Mar! / pondo rezas nos lábios, / deixando nos olhos dos que ficaram / a nostalgia resignada de países distantes / que chegam até nós nas estampas das ilustrações / nas fitas de cinema / e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros / quando desembarcam para ver a pobreza da terra!» (in «Poema do Mar», de Jorge Barbosa.

Jorge Barbosa aborda tópicos como o lugar, o ambiente socioeconómico e o povo, havendo uma correlação entre todos e, conseqüentemente, com o mar, pois é elemento provocador do advento de uma realidade dual, soberbamente, tratada na poética barbosiana: “a viagem e o sonho de encontrar uma terra prometida.”

Nessa esteira vejamos o poema *Irmão*, de Jorge Barbosa, a fim de constatar, decerto, nos seus versos, características inerentes e de referência telúrica ao mar que abraça essa terra.

“Irmão”! / Cruzaste Mares / na aventura da pesca da baleia, / nessas viagens para a América / de onde às vezes os navios não voltam mais. Tens as mãos calosas de puxar / as enxárcias dos barquinhos no mar alto; / viveste horas de expectativas cruéis / na luta com as tempestades; / aborreceu-te esse tédio marítimo / das longas calmarias intermináveis. / Sob o calor infernal das fornalhas / alimentaste de carvão as caldeiras dos vapores, / em tempo de paz / em tempo de guerra. / E amaste com o ímpeto sensual da nossa gente / as mulheres nos países estrangeiros! / Em terra / nestas pobres Ilhas nossas / és o homem da enxada / abrindo levadas à água das ribeiras férteis, / cavando a terra seca / nas regiões ingratas onde às vezes a chuva mal chega / onde às vezes a estiagem é uma aflição / e um cenário trágico de fome! / Levas aos teus bailes / a tua / melancolia no fundo da tua alegria, / quando acompanhas as Mornas com as posturas / graves do violão / ou apertas ao som da música crioula / as mulheres amoráveis contra o peito... / A Morna... / parece que é o eco em tua alma / da voz do Mar / e da nostalgia das terras mais ao longe / que o Mar te convida, / o eco / da voz da chuva desejada, / o eco / da voz interior de nós todos, / da voz da nossa tragédia sem eco! / A Morna...

*/ tem de ti e das coisas que nos rodeiam / a expressão da nossa humildade, / a expressão passiva do nosso drama, / da nossa revolta, / da nossa silenciosa revolta melancólica! / A América... / a América acabou-se para ti... / Fechou as portas à tua expansão! / Essas Aventuras pelos Oceanos / já não existem... / Existem apenas / nas histórias que contas do passado, / com o canhoto atravessado na boca / e risos alegres / que não chegam a esconder / a tua / melancolia... / O teu destino... / O teu destino / sei lá! / Viver sempre vergado sobre a terra, / a nossa terra, / pobre / ingrata / querida! / Ser levado talvez um dia / na onda alta de alguma estiagem! / como um desses barquinhos nossos / que andam pelas Ilhas / e o Oceano acaba também por levar um dia! / Ou outro fim qualquer humilde / anónimo... / Ó Cabo-Verdiano humilde / anónimo /— meu irmão! (BARBOSA, Jorge. *Ambiente*, 1941).*

Sabe-se que a revista *Claridade* para além de ser uma das primeiras manifestações intelectuais da elite cabo-verdiana teve o condão de traçar uma divisória entre a poética tributária do modelo português e a submersão nas raízes sociais, passando pela leitura do modernismo brasileiro. Afirmou-se com uma tenacidade tal que augurou envolver toda uma geração inteira, difundindo uma estética realista que, por seu turno, correspondia a uma nova situação e condição sociais existentes.

No entanto, para que este anseio primeiro se pudesse, então, concretizar, os homens da geração da *Claridade* tinham, convenientemente, para além de “fincar os pés na terra”, que dedicar grande parte do seu interesse ao movimento oposto a esta vontade: a emigração. E a emigração transversalizava-se pelo mar, produzindo uma linha temática recorrente como o terralongismo geográfico (mistificado em Pasárgada), ou seja, a terra longe, que é, portanto, local de fuga para onde emigravam os homens cabo-verdianos. É igualmente notório uma certa duplicidade do tratamento do elemento pantalássico, isto é, o mar como prisão, que impede o homem de alargar os seus horizontes, e o mar como evasão, que permite ao homem adquirir novos saberes, novas experiências, e, particularmente, possibilidades de sobrevivência numa terra, pelo menos, mais fértil.

Manuel Lopes outro precursor da *Claridade* traça e trata de forma soberba também esta subtemática impregnada de múltiplas emoções:

“Cais” / Nunca parti deste cais / e tenho o mundo na mão! / Para mim nunca é demais / responder sim / cinquenta vezes a cada não. / Por cada barco que me

*negou / cinquenta partem por mim / e o mar é plano e o céu azul sempre que vou!
/ Mundo pequeno para quem ficou... /*

Inerente ao texto encontra-se indubitavelmente o binómio dos mundos interior e exterior da vivência do cabo-verdiano. Cabo Verde é o mundo interior, um “mundo pequeno para quem ficou”, e “o mar plano e o céu azul” sinónimos de oportunidade e mundo exterior. A composição poética versifica, de igual modo, o elemento marítimo na sua dualidade, ou seja, para quem vai, o mar é evasão e, para quem fica, o mar é prisão. Gera-se aqui uma angústia provocada pelas incertezas na tomada das decisões: partir ou ficar.

Emigrante Mar

O mar, para o cabo-verdiano postula-se como solução e fuga aos problemas do território insular. E a América é, no sentido inicial, o lugar paradisíaco, onde poderia resolver os seus problemas económicos. Muitos, num passado ainda recente tinham como objectivo de vida uma viagem em direcção à terra-longe. No entanto, pelo caminho vai sobressaindo, paulatinamente, uma outra percepção: a do sonho. Este sentimento transmuta-se em incertezas, apatia e melancolia envolvendo-nos ao mundo da realidade “real”.

O almejado regresso cria outros dilemas: e quando não tenha conseguido realizar o sonho de uma vida melhor? Como regressar sem ter concretizado o espectro de sucesso? Qual a responsabilidade ética ou moral – em termos de solidariedade -, para ajudar os familiares, amigos e comunidade a ultrapassar as dificuldades permanentes de uma terra de escassos recursos?

Imagem e Identidade: *Imagem*

A imagem do mar aparece, bastas vezes, como um elemento carregado de contradições e significados que se opõem. Isso porque, de acordo com Alfredo Bosi (2000):

“A experiência da imagem, anterior à palavra, vem enraizar-se no corpo. A imagem é, enfim, a sensação visual. O ser vivo tem, a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e a manter juntas a realidade do objeto em si e a sua existência em nós”. (BOSI, 2000, p. 19).

A imagem do mar que será resgatada na poesia portuguesa poderá ser interpretada como uma representação antagónica e também como um estado

de angústia do eu-lírico. É recorrente em Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e Florbela Espanca a presença de um sujeito lírico sem chão e sem porto, buscando revelar, através do mar, a sua dor e o seu desencanto, principalmente, no que se refere a um passado glorioso e um presente já marcado pela decadência.

É sintomática a presença duplamente percebida da imagem do mar em muitos dos poemas. Segundo Octavio Paz, *“cada imagem – ou cada poema composto de imagens contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca, ou reconcilia sem suprimi-los.”* (PAZ, 1996, p. 38).

Em Fernando Pessoa cruzamos com essa duplicidade quando versifica igualmente o mar desta forma:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos,
quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas
ficaram por casar / Para que fosses nosso, ó mar!* (PESSOA, 2002, p. 48)

Descreve, assim, a valorização da conquista do mar, que, apesar da dor e do sofrimento, representa tudo aquilo que o povo português adquiriu, e só engrandece e enfatiza a sublimidade daqueles que desbravaram os mares, ou daqueles que ajudaram ou sofreram para que o mar fosse português.

Através da nostalgia, recordações e angústias da poetisa Florbela Espanca, cuja presença simbolista é muito forte, a imagem do mar aparece, a partir de elementos opostos e contraditórios, ora representando um estado desesperançoso, ora trazendo alguns lampejos de esperança num canto pleno de exaltação e de ufanismo, misturado com todo o sofrimento existencial do eu-lírico, cercado de tristezas e infortúnios.

*“Se eu sempre fui assim este mar Morto: / Mar sem marés, sem vagas e sem porto /
Onde velas de sonhos se rasgaram! / Caravelas doiradas a bailar... / Ai, quem me
dera as que eu deitei ao Mar! / As que eu lancei à vida e não voltaram!...”*
(ESPANCA, 1996, p. 212).

Fonte de numerosas imagens, o mar tem lugar de destaque no discurso literário, sobretudo no mundo de língua portuguesa. Talvez, por se constituir na via líquida por onde singraram as caravelas chegando aos mais distantes portos, ele se tornou símbolo do alargamento dos domínios portugueses, criando o fenómeno crucial do “ser português”: o Império. Sob essa perspectiva, pode-se mesmo dizer que as águas salgadas foram o ponto privilegiado de onde

a nação mirou-se ao voltar o seu olhar ao Outro, engendrando, a partir da espessa camada de representações elaboradas sobre os povos dos portos, uma imagem de si própria.

Dessa maneira, em uma intrincada rede de representações sobrepostas, revistas e ampliadas, o olhar oriundo das naus fez com que os portos onde elas chegaram fossem vistos, mas não se fizessem visíveis e que as vozes ali ouvidas não fossem plenamente audíveis. Se as imagens criadas eram encharcadas de mar e explicitavam o poder das caravelas, pode-se afirmar que no confronto entre olhares e vozes foram sendo moldadas novas visões, de tal maneira que o ponto de vista da caravela foi por muito tempo o que enformou os portos, acabando por se tornar parte de seu imaginário.

Sob a perspetiva dos portos, fazia-se necessária uma outra viagem: aquela que propiciasse uma real descoberta de si próprios, tentando deslindar as imagens sobrepostas e tornar audíveis as suas falas. Por outras palavras, tentar resgatar a memória e os sonhos.

No caso cabo-verdiano e não só, foi fundamental o papel da literatura e da música, pois, como ensina o mestre Alfredo Bosi, *“as relações entre os fenómenos deixam marcas no corpo da linguagem”* (BOSI, 1992:11) e o discurso articulado na série literária, ao abrir-se em possibilidades de projetar o futuro, foi o aliado escolhido na árdua luta que se travou para a independência.

Em inúmeros casos, a literatura aliada à música construíram de certa forma uma das pontes para a liberdade, moldando a consciência das pessoas, recrutando militantes e pondo a nu realidades e insatisfações guardadas ou não devidamente percecionadas.

Entretanto, a partir dos anos da luta armada de libertação, houve uma certa negação das imagens e sons das caravelas até que, de forma madura, paulatinamente foi possível reconhecer que o mar também forjou um dos veios da memória possível do passado, mas que a sua posse deveria ser realizada.

Identidade

Nas sombras do efabulatório, unificada pela interdiscursividade (memória, continuidade e metamorfose), vai-se inscrevendo essa profunda, sinuosa e

continuada reflexão sobre uma identidade estética onde se fundem indivíduo e país que a Literatura, como e com as outras artes, desenvolve e elabora.

Na lenta elaboração do símbolo e da sinédoque, desde o cancionero medieval português, a literatura tem procurado *conformar* e *configurar* a identidade estética nacional entre as coordenadas do autor, as do país (da sua História e da sua Cultura) e as do Ocidente, que os inscrevem e os inteligibilizam.

Em finisterra geográfica que verte em símbolo, à *beira-água*, a literatura portuguesa desenvolve, por exemplo, em contra-luz, o canto da sua epopeia e o fado dos seus naufrágios, cujos textos apresentam-se modelares e emblemáticos.

Trata-se de uma identidade nacional configurada pelo traço *retratista*, mais obviamente iniciado pelo esboço camoniano (“*quási cume da cabeça/ De Europa toda, o Reino Lusitano,/ Onde a terra se acaba e o mar começa*”, - *Os Lusíadas*) que Pessoa termina, em registo mediúcnico, como *rostro* da mítica Esfinge.

Identidade em que muitos autores inscrevem a sua. É o caso de Casimiro de Brito, que desenvolve toda uma obra entre duas versões de um mesmo poema, “Portugal”, com que acaba por representar a literatura portuguesa numa antologia de doze poetas europeus significativamente intitulada *Hotel Europa – Mastrich* (2001):

“Frente ao mar meu corpo ardente e posto em sossego / ainda sonha. / A memória e o destino. / De, sendo já velho, me sentir menino para novas / aventuras. Europa é o caminho. Amanhã é agora.”

O caso paradigmático de Cabo Verde é de igual forma pertinente e apresenta-se extraordinário para análise, porquanto, as chegadas e as partidas imbricavam o mar. Com as suas dores e alegrias, angústias e vitórias, revoltas e construção de novas vidas o mar é omnipresente. Cercado pelo mar e na impossibilidade de o confrontar diretamente, o melhor era e foi tornar-se seu aliado. A resposta está nos inúmeros textos e nas músicas que se continuam a produzir retratando o passado e o presente.

Simbiose

A modernidade oferece-nos uma metamorfose nos reflexos desse *espelho* de águas feito: nele, começamos a perceber uma progressiva *esteticização* das

imagens. A dupla indivíduo/colectividade, caldeada no símbolo, na sinédoque e na personificação, começa a ceder a uma museologia estética que cristaliza *itinerários da História da Arte*, itinerários que favorecem a compreensão das poéticas autorais. Há casos de vários textos produzidos tanto em Cabo Verde como em Portugal – e outras paragens - onde a *memória* biográfica e a estética, individual e colectiva, se cruzam e confundem de maneira soberba. Há sempre uma dimensão *territorial* que implica a evocação da *viagem*: a clivagem e a organização espacial em função do *eu* e do *outro* e as relações entre ambos os territórios.

O “Outro” lado

O mar é aqui identificado aos navios e às desgraças da colonização, entre as quais avulta o tráfico negreiro e, portanto, é caracterizado como inimigo. A equivalência do mar à desgraça é operacionalizada, na esfera das expectativas da personagem, como fatalidade contra a qual ela não pode lutar.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2003), o mar é: Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes, as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvidas, de indecisão, e que se pode concluir bem ou mal.

O mar era então uma representação do meio que permitiu a criação do sistema colonial, da presença do outro que veio de longe e subjugou os autóctones à sua religião, cultura, língua e vontades. Para Agostinho Neto, o mar é sinónimo de morte no conto “Náusea”; Maurício Gomes e Alexandre Dáskalos, por exemplo, associam o mar à escravatura.

Na poesia de Manuel Rui, o mar está normalmente associado ao amor, à observação do ser amado: “*Sempre mar*” e “*Trazias tanto mar na pele dos dedos*” são exemplos dessa presença, ou ainda “O búzio”, centrado nos sentidos, sobretudo da audição que desencadeia uma relação sensual entre o ser humano e o mar:

Mas é na ficção que o mar ganha uma maior relevância e até originalidade relativamente a outros autores. E são vários os títulos que diretamente reenviam para a presença do mar na sua obra.

O mar surge como hipótese de rever o passado e elaborar um novo presente, “o mar tornar-se-á a imagem luminosa de um futuro imaginado para a jovem nação” (Macêdo, 1999:54); possibilidade essa vista na importância da investigação: interessa indagar sobre o passado e não negá-lo.

O mar é símbolo da dinâmica da vida, da possibilidade de mudança do estado atual – a fuga das atrocidades da guerra, do infinito e cíclico. Além disso, o mar é uma fonte de alimento quase inesgotável e um elemento divino.

Fecho

Então, conclui-se ressaltando que observar as imagens do mar na poesia de expressão portuguesa representa um objeto de estudo bastante relevante, pois equivale a uma verdadeira viagem imaginária juntamente com estes poetas, através dos caminhos percorridos pelos grandes navegadores por um lado e da libertação por outro. A partir daí, pode-se empreender, também, um mergulho na profunda dor existencial de Camilo Pessanha, que descobre no mar a sua “conquista final/ da luz, do Bem,” e “seu doce clarão irreal”. Ou, então, na mundividência, de acordo com Massaud Moisés (2002), que Fernando Pessoa desenvolveu, elevando-se como um sebastianista contagiado pelo desejo de, novamente, ver erguida a sua nação gloriosa dos tempos das grandes descobertas. Também cabe e relevam-se os poemas de Jorge Barbosa, Ovídio Martins, Manuel Lopes e nas melodias de Manuel de Novas, Francisco Xavier e Eugénio Tavares.

Referências Bibliográficas

- _____, *Cinco Vezes Onze Poemas em Novembro*. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1985
- _____, *Quem me dera ser onda*, Lisboa, Cotovia, 2001 (1991)
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Ática, 1992.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

- ESPANCA, Florbela. *Poemas de Florbela Espanca*. Org. Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura Portuguesa*. 4ª ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1971.
- FERREIRA, Manuel, *No Reino de Caliban II*, Lisboa, Plátano Editora, 1997 (1988)
- LEITE, Ana Mafalda, *Oralidades & Escritas*. Lisboa, Edições Colibri, 1998.
- NETO, A. Náusea. In SANTILLI, M.A. *Estórias africanas*. São Paulo: Ática,
- PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PEPETELA. *O cão e os calús*. Luanda: União escritores angolanos, 1988.
- PEPETELA. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PESSANHA, Camilo. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura Portuguesa através dos textos*. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- Revista *ContraPonto*, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 176-186, jul.2011 186
- RUI, M. *Rioseco*. Lisboa: Cotovia, 1977.
- RUI, Manuel, *Memória de mar*, Lisboa, Edições 70, 1980
- SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A Ruralidade na Narrativa Angolana do Século XX. Elemento de Construção da Nação*, Tese de Doutoramento em Sociologia apresentada à Universidade da Beira Interior, s/d, disponível em:
[http://www.adelinotorres.com/teses/Ana%20L%FAcia%20de%20S%E1_A%20ruralidade%20na%20narrativa%](http://www.adelinotorres.com/teses/Ana%20L%FAcia%20de%20S%E1_A%20ruralidade%20na%20narrativa%20)
- SECCO, C.L.T. (Coord) et alii. *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa*. vol. I: Angola. Rio de Janeiro: Letras, UFRJ, 1998